

FUNDACAO LEIDE DAS NEVES FERREIRA

Departamento de Psicologia

HISTORICO DA ATUACAO DOS PSICOLOGOS NO
ACIDENTE RADIOATIVO DE GOIANIA

GOIANIA
AGOSTO/89

HISTORICO DA ATUACAO DOS PSICOLOGOS NO
ACIDENTE RADIOATIVO DE GOIANIA

Manoel Messias da Silva Moreira
Psicologo

Editoração : Tercia Neiva Gonçalves

Digitação : Xisto M. Maia Andrade

FUNDAÇÃO LEIDE DAS NEVES FERREIRA

Rua 16-A, nº 792 - Setor Aeroporto

CEP: 74.320 - Fones: (062) 223-8460/8493

GOIÂNIA-GOIAS - BRASIL

Editoração : Tercia Neiva Gonçalves

Digitação : Xisto M. Maia Andrade

FUNDAÇÃO LEIDE DAS NEVES FERREIRA

Rua 16-A, nº 792 - Setor Aeroporto

CEP: 74.320 - Fones: (062) 223-8460/8493

GOIÂNIA-GOIAS - BRASIL

APRESENTACAO

Em fevereiro de 1988, foi criada, por ato do governador do Estado de Goias, a Fundacao Leide das Neves Ferreira, destinada a acompanhar, biopsicossocialmente, as vitimas do acidente radioativo de Goiania.

Dentre as suas diversas unidades, esta o Departameto de Psicologia em cujo acervo encontram-se alguns registros acerca das questoes de ordem psicologica pertinentes aquele evento. Estes registros, bem como os depoimentos de alguns psicologos que atuaram na fase critica do acidente, fundamentam o documento, que ora se apresenta.

SUMARIO

	P.
APRESENTACAO	
INTRODUCAO	6
OS EFEITOS DO ACIDENTE	7
A PARTICIPACAO DOS PSICOLOGOS	10
I - No HGG	12
II - Na Febem	14
III - No Albergue Bom Samaritano	16
IV - Nos Focos	17
V - Na Fundacao Leide das Neves Ferreira	19
1 - A Clientela	20
2 - O Atendimento	21
3 - As Condicoes Disponiveis para o Atendimento	22
4 - O Perfil Psicologico dos Pacientes Habituais do Nucleo	23
4.1 - Adultos	23
4.2 - Crianças e Adolescentes	25
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	26

INTRODUCAO

No dia 29 de setembro de 1987, a populacao goianiense tomou conhecimento de que ocorrera um acidente com a fonte radioativa indevidamente retirada de uma unidade radioterapeutica desativada, mas que permanecera nas antigas dependencias do Instituto Goiano de Radioterapia, no centro da Capital.

A partir dai, teve inicio uma sequencia de fatos que abalaram a cidade e que a fariam conviver com as adversas consequencias da contaminacao e radiacao por Cesio-137. Cerca de duas centenas de pessoas foram diretamente envolvidas pelo acidente, sendo que algumas delas sofreram comprometimento organico.

Os dilemas e paradoxos que precisavam ser enfrentados por vitimas, vizinhos de focos de contaminacao, profissionais que atuavam no acidente e populacao em geral exigiam diversos niveis de apoio para que se pudesse melhor vivenciar aquela fatalidade. Durante a fase critica do acidente, alguns psicologos se apresentaram com o objetivo de oferecer sua contribuicao.

Medo, tristeza, angustia, depressao e revolta foram, dentre outros, os sentimentos que, naquele periodo, mais se evidenciaram entre as pessoas pertencentes aos diversos niveis de envolvimento com o ocorrido. E, certamente, tera sido com base nestes sentimentos que muitos quadros psicologicos posteriormente se definiram. Para melhor compreende-los ou interpreta-los e poder, depois, trabalhar adequadamente as situacoes vivenciadas em funcao do acidente, os psicologos que atuaram na "Operacao Cesio-137" experienciaram o desconhecido e dele absorveram licoes de vida.

Num segundo momento, com a criacao da Fundacao Leide das Neves Ferreira, abriu-se para eles a perspectiva do aprimoramento tecnico-cientifico em favor da saude dos que foram diretamente atingidos pelo acidente. Inumeras sao as variaveis que, desde os primeiros momentos, tem condicionado a atuacao daqueles profissionais. Facamos, entao, uma retrospectiva dos fatos, apos o que sera possivel melhor entender o atual estagio de atuacao dos psicologos no acidente radioativo de Goiania.

OS EFEITOS DO ACIDENTE

Durante a fase critica do acidente radioativo de Goiania, a populacao em geral esteve sobressaltada. Em grande parte condicionada pela desinformacao, inumeras pessoas permaneciam atentas ao conteudo das noticias muitas vezes desencontradas e vivenciavam sentimentos e reacoes que iam do medo a apatia.

Em alguns o medo suscitou estados de ansiedade e angustia que provocavam reacoes de fuga, manifestadas, inclusive, atraves de viagens interurbanas. Ja outros apresentavam comportamento de negacao ignorando os fatos, enquanto que poucos procuravam informacoes em locais adequados.

Por outro lado, existiam pessoas que se diziam revoltadas, havendo casos em que se atribuia culpa as autoridades, sob a alegacao de que estas teriam tardado em comunicar o acidente a populacao dado o fato de Goiania estar, aquela epoca, sediando uma prova do Campeonato Internacional de Motociclismo. Tal possibilidade foi enfaticamente negada pelos que se viram acusados.

Na realidade, Goiania nao esteve em panico como noticiaram alguns veiculos de comunicacao do pais, a exemplo do jornal goianiense "O Popular" que, na sua edicao do dia 1 de outubro de 1987, apresentou a seguinte manchete: "O Panico da Radioatividade - dezessete pessoas ja estao hospitalizadas e 40 foram isoladas".

A populacao, na verdade estava dando continuidade a sua rotina. Apenas evitava aproximar-se dos focos de contaminacao. Tratava-se, portanto, de um exagero a mencao do panico naquelas circunstancias. Suscitado pelo medo - por vezes infundado - o panico foge ao controle emocional e se estampa como situacao de terror, o que nao se verificou em Goiania.

Parte da populacao so foi capaz de perceber a real dimensao do acidente depois de decorridos alguns dias; enquanto que outros nem chegaram a assimilar o grau de comprometimento que aquele fato oferecia a suas vidas.

So mesmo apos terem ocorrido os obitos das quatro vitimas fatais e que a situacao tornou-se mais grave do ponto de vista psicossocial. Os desenlaces fizeram com que muitos se colocassem frente a possibilidade de aniquilamento e de perdas mais profundas. O Cesio-137 esteve, a partir dai, disseminado por entre as preocupacoes de muitas pessoas.

A reacao do medo diante do desconhecido, a necessidade de fuga e os mecanismos de negacao tornaram-se mais patentes. As imagens do enterro das duas primeiras vitimas fatais e o apedrejamento dos seus caixoes foram marcantes, deixando transparecer as multiplas variacoes de comportamento da populacao goianiense verificadas naqueles meados do mes de outubro de 1987.

A curiosidade em saber o que era Cesio; o medo em tocar o dinheiro possivelmente contaminado; as frequentes indagacoes acerca das consequencias que poderiam recair sobre a capital e

sua gente; a discriminacao; os prejuizos... Estas e outras foram as modalidades de vivencia do acidente para uma expressiva parcela da populacao.

Enquanto isso, na Rua 57 - espaco onde se localizava um dos principais focos de contaminacao -, tinham continuidade os trabalhos das inumeras equipes da "Operacao Cesio-137". Destinada a socorrer as vitimas e a executar a descontaminacao da cidade, onde quer que fosse detectada a possibilidade de contaminacao.

A PARTICIPACAO DOS PSICOLOGOS

A partir da noite daquele dia 29 de setembro, após a divulgação do acidente, teve início a monitoração das 112 mil pessoas que se dirigiram ao Estádio Olímpico com o objetivo de saber se estariam ou não contaminadas. Entre muitas delas eram evidentes os sinais de medo, ansiedade, angústia e desespero.

Quase todas aquelas pessoas foram liberadas. Infelizmente outras 249 tiveram suas suspeitas confirmadas, sendo que dentre elas estavam as 50 vítimas diretas do acidente radioativo. Em função da quantidade de contaminação verificada em seus corpos, estas pessoas foram sendo encaminhadas a locais previamente selecionados para que pudessem receber os devidos cuidados.

Por esta razão, nos primeiros dias de outubro, 20 pessoas estavam internadas no Hospital Geral de Goiânia - HGG, por apresentarem elevado grau de comprometimento orgânico, enquanto que outras 30 foram, em números diferentes, alojadas nas instalações da Febem (*) (por apresentarem menor grau de comprometimento) e no Albergue Bom Samaritano, vez que estas se encontravam menos ainda comprometidas fisicamente.

Por volta do dia 5 de outubro, o físico Walter Mendes Ferreira, participante da "Operação Césio-137", dirigiu-se ao SUDS - Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde - e pediu a ajuda de psicólogos no trabalho realizado junto aos focos de contaminação, dentre eles o da Rua 57, Centro.

Naquelas áreas, eram grandes as dificuldades enfrentadas durante o processo de descontaminação. Vários técnicos da CNEN - Comissão Nacional de Energia Nuclear - estavam sendo agredidos pelas famílias que se viam desalojadas de suas casas e perdendo seus bens materiais.

A psicóloga e sanitarista Maria Emilia Pontes Pereira foi a primeira profissional da Psicologia a participar da "Operação Césio-137", atendendo aquele chamado que ela também presenciara. Dois dias antes, ela fora convocada pela Divisão de Educação e Saúde do SUDS e, juntamente com outros profissionais, deu início à redação do "Informe I", destinado a esclarecer a população sobre a natureza, os efeitos e os cuidados impostos pelo acidente radioativo.

Atendendo aquele mesmo pedido do físico, o SUDS dirigiu uma convocação aos psicólogos do seu quadro de pessoal. O objetivo era recrutar profissionais dispostos a trabalhar nos vários setores da "Operação Césio-137", pois a situação era de emergência. Poder-se-ia dizer que a reunião não teve sucesso, caso, horas depois, a psicóloga Ceres Regina Dias Fernandes não tivesse se apresentado para o trabalho voluntário recusado por todos os demais psicólogos presentes aquela reunião.

(*) Fundação Estadual do Bem Estar do Menor

Ao longo daquele periodo critico, outros psicologos tambem se apresentaram para o trabalho voluntario. No entanto, a propria natureza do evento acabou por coloca-los frente a frente com o desconhecido. Nem todos os compendios de Psicologia, se reunidos, poderiam oferecer-lhes solucoes ideais frente a circunstancias tao adversas.

I - No H.G.G.

No dia 10. de outubro, daquele ano, onze vitimas do acidente radioativo se encontravam internadas no Hospital Geral de Goiania-HGG. A elas se somaram, depois, outras nove. Ali desencadeava-se um processo sustentado pela discriminacao, pelo terror da segregacao e do estigma; pela perda de identidade e do papel social e pela possibilidade de aniquilamento e de luto, dentre outros fatores.

Os psicologos daquela instituicao intencionavam oferecer as 20 vitimas ali internadas e isoladas, um atendimento com base na Psicologia Hospitalar. Contudo, ao longo do tempo, abriu-se espaço para a atuacao de outros profissionais voluntarios. Ainda naquele mes de outubro, 14 vitimas foram transferidas para o Hospital Naval Marcilio Dias, no Rio de Janeiro.

No H.G.G., a psicologa Maria Emilia pode perceber o que afirmou Goffman (*) sobre os efeitos do processo de admissao que recaem sobre as pessoas em circunstancias especiais. "O despojamento das vestes, a nudez, a descontaminacao, o uso de roupas da instituicao, os novos padroes de conduta, um novo espaço para ficar... E tudo pode ser considerado como uma despedida e um comeco, sendo a nudez um ponto medio. A partir dai, perde-se o sentido de seguranca pessoal - um dos fundamentos para a angustia".

Para se lidar com os pacientes eram necessarios cuidados especiais por parte dos que com eles mantivesse contatos. Isso reforcava o estigma que recaia sobre as vitimas. A principio, notava-se nelas o desejo de voltar a ter contato com o mundo la fora. Mas, ao mesmo tempo percebia-se que nao conseguiam contornar a incerteza de poder voltar a ser-no-mundo.

As manifestacoes frente a possibilidade de morte apresentaram-se de diversas formas no HGG (estados de inseguranca e ansiedade) e geravam certa regressao nos pacientes, favorecendo-lhes a elaboracao de fantasias em meio a uma forte tensao emocional.

(*) GOFFMAN, Erving. Manicomios, Prisoes e Conventos. Sao Paulo, Editora Perspectiva, 1974, (P. 27).

Varios daqueles pacientes contaminados nao se sentiam apenas como seres doentes, mas tambem como objetos manipulaveis para efeito de estudo. A impossibilidade de manterem a sua propria competencia executiva ou, pelo menos, os seus simbolos provocava nas vitimas o horror de sentirem-se rebaixadas na capacidade, ate entao por elas nao vivenciada.

A Falta de consenso entre as equipes multiprofissionais, o desencontro de informacoes, a inabilidade de alguns profissionais, a falta de assistentes sociais e a morte das quatro vitimas fatais do acidente radioativo, contribuíram substancialmente para que a situacao se agravasse e o processo psicoterapeutico se prendesse apenas a psicoterapia de apoio. Alem disso, a propria indefinicao do periodo disponivel para a continuidade do processo tambem contribuiu para a impossibilidade de se estabelecer o vinculo necessario a um trabalho psicologico mais relevante.

Antes de se chegar ao terceiro andar do HGG, onde estavam isolados os pacientes, era necessario transpor barreiras e obedecer a rituais sempre carregados de cuidados especiais, destinados a protecao da saude de vitimas e profissionais que lhes davam assistencia. Em algumas janelas foram instaladas telas com o objetivo de evitar possiveis fugas de pacientes. Durante um certo periodo, eles nao puderam mesmo tomar conhecimento das noticias sobre o acidente e sobre o seu estado de saude.

Agrupadas em quartos individuais (as mais contaminadas) ou coletivos (as menos contaminadas), as vitimas do acidente radioativo viam em todos os profissionais recém-chegados ao HGG uma atitude de curiosidade para com eles. Foi esta a impressao da psicologa Lenice Cruvinel Nunes quando, no dia 5 de novembro de 1987, ela ali se apresentou para o trabalho voluntario ao lado da psicologa Maria Emilia que algum tempo antes iniciara suas atividades naquela mesma instituicao.

Em meio aquilo tudo, a morte era algo muito presente, sendo patente a vulnerabilidade das vitimas. Logo ao chegar, Lenice ouviu um grupo de criancas cantando, como que alheias ao que se passava ("Eu vou ficar careca... Eu vou ficar careca..."). Na tentativa de estabelecer vinculos com os pacientes, ela mais tarde, retirou a mascara de protecao, favorecendo o processo de aproximacao.

"A internacao em si ja deixa qualquer pessoa fragil, sem dominio sobre sua propria existencia. As vitimas nao tinham sequer o apoio de familiares, elas mesmas contaminadas. Estavam sozinhas, isoladas, sem definicoes sobre a sua propria existencia", relata Lenice acerca da sua experiencia.

Este quadro, possivelmente, tera sido agravado pelo carater emergencial de que aquela situacao atipica se revestia. Todos os pacientes demonstravam-se bastante preocupados com as consequencias psicologicas e fisicas do acidente. As respostas que obtinham eram sempre em termos probabilisticos. Em razao

disto, os psicólogos procuravam dar-lhes um certo suporte para que o contato com os seus sentimentos pudesse ocorrer de forma mais fluente e menos desgastante.

As técnicas utilizadas no atendimento psicológico no HGG foram: escuta compreensiva; reflexão de sentimentos; relaxamento; indagação; síntese de sentimentos; reasseguramento; orientação psicológica e técnica projetiva. Com base nelas, os psicólogos procuravam informar e esclarecer os pacientes e, ao mesmo tempo, buscavam situações interiores - que, proventura, não aparecessem na verbalização - objetivando trabalhá-las posteriormente.

Em todo o processo de hospitalização, pode-se notar a manifestação de sentimentos variados. A situação de isolamento e introspecção causava muita dor às vítimas e fomentava a canalização de afetos. Surgiram, também, sentimentos de impotência pois, estando isolados, elas eram tolhidas sexualmente.

Em muitos dos atendimentos individuais os pacientes mostravam-se apáticos, deprimidos e ou revoltados diante de suas limitações em lutar contra as barreiras físicas e psíquicas que os separavam das pessoas com as quais mantinham antes ligações emocionais (familiares, amigos, conhecidos, etc).

A faixa etária destes pacientes variava entre 14 a 60 anos, sexo masculino e feminino, com nível socio-econômico inferior à média; naturalidade variada, a maioria casados e com grau de escolaridade primário.

A partir de dezembro de 1987, os 10 pacientes que retornaram com vida do Rio de Janeiro e as demais seis vítimas internadas no HGG começaram a receber alta e foram transferidas para a Febem onde juntaram-se as outras pessoas que, desde antes, ali recebiam acompanhamento médico e psicológico.

II - Na Febem

Ao final do mês de dezembro de 1987, 58 vítimas do acidente radioativo de Goiânia totalizavam o número de pessoas que ao longo de três meses haviam estado, em diferentes momentos, alojadas nas instalações locais da FEBEM. Todas elas possuíam baixo poder aquisitivo e grau de escolaridade primário, na maioria dos casos.

Num primeiro momento, 16 vítimas se encontravam na FEBEM em regime de isolamento, depois de terem sofrido descontaminação externa no Estádio Olímpico e ser comprovada a necessidade de se submetê-las a tratamento específico para efeito de descontaminação interna.

Entre aquelas pessoas, destacavam-se os quadros de tristeza, medo, angustia, depressão, revolta, sentimento de culpa e necessidade de apoio e compreensão. Muitas delas estavam marcadas pelo esfacelamento abrupto de suas famílias - mães sem filhos; filhos sem pais; esposas sem maridos e vice-versa. Alguns dos seus parentes encontravam-se ausentes ou porque foram bastante comprometidos pela contaminação - e por isso estavam hospitalizados - ou porque não tinham sido contaminados, e por isso não se faziam presentes ali.

Percebia-se entre os albergados da FEBEM um comportamento estratificado com exacerbação de defesas. Reagiam individualmente ou em grupo contra a estrutura social - rejeitando-a e evitando-a - por ela lhes inspirar medo, agressão, desamparo, discriminação e perda. Houve, inclusive, dificuldades em fazê-los aceitar as informações e o tratamento médico preconizado.

Gritos, agressões físicas, quebra-quebra, depredação, crises de choro, pedidos de socorro e o espalhar de fezes e urina pelas instalações (com o intuito de contaminar o ambiente), eram dentre outras, as situações que tinham de ser adequadamente trabalhadas pelas duas psicólogas, Ceres Regina Dias Fernandes e Marcia C. Faria Amancio. Juntas, desde meados de outubro e acompanhadas por Lenice Cruvinel a partir de dezembro, elas procuravam minimizar o que ali estava sendo vivenciado tanto pelas 17 crianças e adolescentes (entre 15 meses e 16 anos de idade), quanto pelos 41 adultos, cuja faixa etária atingia 60 anos.

Agrupados segundo os laços familiares ou preferências pessoais, aquelas pessoas de nada dispunham que pudesse conceder aquele espaço as características de um lar. Todos os seus objetos materiais haviam sido considerados rejeito radioativo. Todos eles não tinham casa onde ficar.

Segundo a psicóloga Marcia Amancio, as instalações da Febem eram espaçosas mas não apropriadas para o atendimento psicológico. A maioria das 17 crianças e adolescentes que estavam sob seus cuidados apresentavam reações de medo e agressividade; tinham o sono sobressaltado e algumas apresentavam enurese noturna e fantasia da perda de membros. Os comportamentos agressivos foram sendo gradativamente diminuídos e deram lugar a solicitação de ajuda.

Em seus desenhos, evidenciavam-se o preto, o vermelho e o azul escuro. Frequentemente, incluíam neles formas como espada, caveira, cruz, pessoas amputadas, com fisionomia triste e sem cabelo. Ao explicarem sobre as casas que desenhavam, sempre diziam que elas estavam vazias ou já não existiam mais. As figuras de pessoas da família sempre mostravam separadas, sendo a figura da mãe a que aparecia com maior frequência. Pontos dispersos por sobre a folha de papel, eram segundo eles, "pedaços de Césio".

III - No Albergue Bom Samaritano

As primeiras 8 vitimas que, apos serem monitoradas no Estadio Olimpico, apresentaram-se com baixas doses de contaminacao interna, foram alojadas no Albergue Bom Samaritano, sendo que, em meados de dezembro, a elas vieram se juntar outras 8 pessoas que aguardavam suas casas serem descontaminadas. Todas eram vizinhas de focos (a maioria residente na Rua 57) e constituiam quatro familias distintas.

O local era bastante espacoso. Cada um dos seus quatro galpoes possuia um grande numero de bicas (em torno de 100). Nos refeitórios haviam grandes mesas e bancos. Tudo era muito amplo e arejado. Mas, quando aquelas familias foram para la, nada levaram consigo, o que mais ainda inviabilizava a possibilidade de reconstruirmos um lar. Nada lhes favorecia a identificacao com o local.

A psicologa Suzana Helou apresentou-se voluntariamente para atuar no Albergue. Sozinha, ofereceu acompanhamento psicologico aquelas vitimas entre os meses de outubro de 1987 e janeiro de 1988.

Segundo ela, o estado geral daquelas pessoas era de insatisfacao e inseguranca quanto as definicoes sobre a sua saude fisica e mental e sobre a sua situacao socio-economica. Havia, por parte de todos, ansiedade quanto ao ressarcimento de suas perdas. Esta ansiedade associava-se a irritabilidade, o que dificultava o relacionamento entre pacientes e profissionais, sobretudo com os representantes do governo, responsaveis pelo encaminhamento de assuntos financeiros.

Os pacientes do Albergue eram livres para transitarem pela cidade, contudo seus relacionamentos externos se restringiam aos setores da "Operacao Cesio-137" instalados na Rua 57. Nao faziam visitas a parentes, enquanto que amigos raramente os recebiam. Era comum lamentarem este afastamento.

Suzana conta que, por nao haver espaco fisico apropriado para o atendimento psicologico, ela usou um galpao e nele improvisou um espaco cercado por bicas. Os pacientes nao assimilavam o carater reservado daqueles encontros realizados num local despojado e sem portas. Preferiam ve-la mais como amiga e isso dificultava a realizacao da psicoterapia. Por esta razao, ela se limitou a oferecer-lhes apoio.

Os testes de HTP, aplicados a epoca, indicaram certa instabilidade emocional como consequencia, principalmente, da desagregacao do lar e da falta de privacidade. Ao longo do tempo, a adaptacao a situacao vivida foi alcançada sem grandes dificuldades, a excessao de pacientes que traziam consigo uma historia psiquiatrica. Para estes, a vivencia foi mais conflituosa e carregada de emocoes.

Os problemas comuns eram discutidos em sessões semanais de dinâmica de grupo. Afinal, como frisou a psicóloga Suzana Helou "todos tinham uma tragédia em comum. Vive-la era desgastante e compartilha-lha, mais ainda".

IV - Nos Focos

A atuação de psicólogos junto aos focos de contaminação do acidente radioativo de Goiânia ocorreu em função da solicitação diretamente expressa por um grupo de vizinhos de focos ao Governador do Estado.

Iodete da Cunha Pereira e Manoel Messias da Silva Moreira, ambos psicólogos, apresentaram-se como voluntários e, no dia 19 de novembro, deram início a sua atuação ao lado de outras equipes, no foco da Rua 57, sob a coordenação da psicóloga e sanitarista Maria Emilia Pontes Pereira, a época ex-integrante da equipe do HGG.

Acompanhados por técnicos da CNEN, encarregados da monitoração e descontaminação da cidade, os psicólogos participaram daquele processo, emitindo pareceres sobre questões emocionais que acaso justificassem a retirada de famílias até então instaladas nas imediações dos focos, tendo em vista o quadro detectado nas visitas domiciliares.

Apos serem esclarecidos sobre contaminação e radiação, os dois psicólogos passaram a deter informações bastante úteis aos seus propósitos de minimizar a ansiedade vivenciada pelos vizinhos de focos, que, na sua maioria, eram pessoas de médio e baixo poder aquisitivo, sendo que havia um número significativo de analfabetos e outro de pessoas com o 1o. e 2o. graus e uma pequena parcela com nível superior, todas exercendo as mais diversas profissões.

Esta primeira amostra obtida nas visitas domiciliares permitiu detectar, entre as famílias vizinhas dos focos, reações de medo, ansiedade, angústia, anorexia, insônia, perda de peso, improdutividade no trabalho, irritação e desejo de mudar.

Naquele período, muitas das casas da Rua 57 estavam desocupadas. Os proprietários tinham se ausentado e vários locatários haviam se mudado. Em razão disto, o aspecto daquela rua era de desolação e abandono. As áreas mais contaminadas tinham sido isoladas por tapumes de madeira que, cercando partes da quadra, estendiam-se até a metade da calçada fronteiriça. Por ali transitavam profissionais e, raramente, algum morador da região.

Depois de retratadas as necessidades básicas do futuro Núcleo de Apoio Psicológico da "Operação Cesio-137" e de

arrolados os diversos quadros psicossociais obtidos em visitas domiciliares, os psicólogos elaboraram um documento endereçado ao Governador com o intuito de oferecer-lhe subsídios para as suas tomadas de decisão, inclusive quanto aos recursos humanos e materiais básicos e necessários ao atendimento psicológico daquela parcela da população. Desta forma, criaram-se as condições mínimas imprescindíveis à atuação daquela equipe que, logo em seguida passou a contar com um espaço físico destinado ao atendimento.

No dia 22 daquele mês de novembro, as psicólogas Leila Maria Ribeiro Diniz, Marcia Finotti e Rosângela Antonia da Silveira Garcia Mendes juntaram-se aos outros dois psicólogos. O mesmo acontecendo em dezembro, com Iracema Countinho Itacaramby e Lenice Cruvinel Nunes. A partir daí, estava definida a equipe que, por 100 dias, trabalharia ininterruptamente junto a três dos principais focos de contaminação do acidente radioativo de Goiânia (rua 57 e rua 63 - centro, bem como rua 26-A - Setor Aeroporto).

Foram aplicados nestes focos cerca de 500 formulários entre os vizinhos daquelas áreas. Através deles registraram-se informações sobre identificação, situação vivida no momento do acidente, queixas, expectativas quanto ao futuro e sugestões; bem como as informações sobre a conduta terapêutica, a avaliação do trabalho psicológico (segundo critérios do entrevistado) e, por último, as observações do psicólogo sobre o comportamento das pessoas durante a entrevista. Em função dos quadros psicológicos verificados, dava-se o encaminhamento de soluções para as questões psicossociais constatadas.

Um número relativo de pessoas apresentava dificuldades de relacionamento com familiares e amigos que, receiosos, evitavam contatos. Num segundo momento, aquelas próprias vítimas da segregação se isolaram, evitando elas mesmas qualquer contato. Isto gerou sentimentos de rejeição e abandono dos seus parentes e amigos o que incrementou as suas fantasias de serem elas pessoas realmente contaminadas pelo Césio-137 e, portanto, vítimas do acidente radioativo e não apenas vizinhas de focos de contaminação. A descoberta de novos focos e a ocorrência dos óbitos das quatro vítimas fatais tornaram ainda mais acentuada a autodiscriminação.

O trabalho de apoio desenvolvido pela equipe de psicologia era, portanto, efetuado através de visitas domiciliares, ocasiões em que se promoviam o intercâmbio de informações e o estímulo à comunicação de questões emergenciais para cada uma das famílias. Aqueles que apresentavam quadros de maior comprometimento emocional (choro convulsivo, ansiedade, desespero, apatia, insônia, anorexia, etc) eram encaminhados ao Núcleo de Apoio Psicológico instalado na Rua 57 para que ali recebessem as atenções devidas. Este trabalho atingiu cerca de 1.150 pessoas.

V - Na Fundacao Leide das Neves Ferreira

A Fundacao Leide das Neves Ferreira foi criada pela Lei Estadual No. 10.339, de 9 de dezembro de 1987, e institucionalizada atraves do Decreto No. 2.297, de 11 de fevereiro de 1988.

Ao final daquele mes de fevereiro, a Fundacao incorporou ao seu quadro de pessoal todos os psicologos que haviam atuado na "Operacao Cesio-137", para que pudessem dar continuidade ao trabalho por eles iniciado durante a fase critica do acidente radioativo de Goiania. Outros nucleos tambem passaram a promover, dentro da instituicao, o acompanhamento das vitimas. Sao eles os Nucleos de Enfermagem; Medicina; Odontologia; Radioprotecao e Dosimetria e Servico Social.

A equipe de psicologos era, aquela epoca, composta por 11 profissionais (Ceres Regina Dias Fernandes, Iodete da Cunha Pereira, Iracema Coutinho Itacaramby, Leila Maria Ribeiro Rodrigues Diniz, Lenice Cruvinel Nunes, Manoel Messias da Silva Moreira, Marcia Cardoso Faria Amancio, Marcia Finotti, Maria Emilia Pontes Pereira, Rosangela Antonia da Silveira Garcia Mendes e Suzana Helou), sendo que cada um deles adotava determinada linha de abordagem psicologia (psico-dramatica, comportamental, psicanalitica, gestaltica e analitica).

O primeiro proposito do Nucleo de Psicologia foi o de atender a parcela da populacao mais comprometida biopsicossocialmente, ou seja, as vitimas diretas que sofreram contaminacao e que receberam alta ou significativa dose de radiacao. O segundo proposito passou a ser acompanhar a medio e a longo prazos, esta mesma populacao, bem como a outra menos comprometida biossocialmente, mas que, psicologicamente apresentasse alguma alteracao.

As atividades realizadas pelo Nucleo de Psicologia, a partir da sua criacao, foram: entrevista e triagem; atendimento de emergencia; psicoterapia individual e de grupo; atendimento de apoio; ludoterapia; trabalho psicomotor; programa de modificacao do comportamento; grupos de reintegracao psicossocial (equipe multiprofissional); orientacao aos pais; estudo de casos clinicos de vitimas (equipe multiprofissional); visitas domiciliares; treinamento de papeis (com funcionarios); elaboracao e execucao de planos e projetos de trabalho; elaboracao e execucao do projeto de cadastramento das pessoas envolvidas direta e indiretamente no acidente (vitimas, profissionais e vizinhos de focos); elaboracao de projetos de pesquisa (atualmente, ha tres deles em andamento e uma pesquisa ja concluida).

As atividades do Nucleo de Psicologia foram iniciadas em condicoes emergenciais. Levou algum tempo para que ocorresse a integracao de toda a equipe da Fundacao, pois havia profissionais que atuaram em diversos setores da "Operacao Cesio-137" e outros que nela nao atuaram e que, portanto, nao compartilhavam das mesmas experiencias.

Por outro lado, o Nucleo precisava se organizar no sentido de atender aos pacientes, como tambem desenvolver algum trabalho junto aos funcionarios que, na sua maioria, haviam atuado no acidente e, de certa forma, necessitavam de suporte psicologico. Saliente-se aqui o fato de os pacientes atendidos pela Fundacao, principalmente as vitimas diretas, apresentarem comportamentos agressivos em relacao a instituicao e seus funcionarios.

As diferentes areas de atuacao do Nucleo sao: Atendimento Clinico, Pesquisa e Recursos Humanos. sendo que esta ultima area se encontra atualmente desguarnecida.

O acompanhamento psicologico as vitimas do acidente sempre tem se dado em funcao das necessidades apresentadas pela clientela, visando tambem a obtencao de dados para efeito de estudos. Assim sendo, tem se buscado a:

- . "descricao fenomenologica dos estados psicossociais das vitimas em momentos distintos, a fim de identificar precocemente fatores de risco que predisponham so desenvolvimento de quadros psicopatologicos;
- . avaliacao da eficacia das distintas formas de intervencao nos diversos grupos: psicoterapia individual e focal; psicoterapia de grupo e de grupo familiar;
- . definicao de novas estrategias para se lidar com as vitimas, os seus familiares e a comunidade em geral, buscando a interacao entre eles;
- . avaliacao e acompanhamento do estado emocional dos profissionais que atenderam e atendem as vitimas;
- . reintegracao e readaptacao dos individuos marcadas por perdas provocadas pelo acidente." (*)

Em virtude da procura de atendimento especializado por parte de pessoas pertencentes a diferentes niveis de envolvimento com o acidente radioativo, viu-se a necessidade de identifica-las por grupos, segundo os mencionados niveis de envolvimento. Isto tornou possivel o estabelecimento de prioridades, conforme a capacidade de atuacao desta instituicao.

1 - A Clientela

A definicao da clientela do Nucleo de Psicologia baseia-se em criterios medicos associados a criterios psicologicos.

(*) Boletim de La Oficina Sanitaria Panamericana, V. 101 No. 06, (p. 682)

Assim sendo, são os seguintes os grupos por ele assistidos:

1o. GRUPO - (cerca de 118 pessoas) (*)

- a) pacientes com radiodermites ou com dosimetria de corpo inteiro acima de 20 Rads;
- b) famílias ou contactantes das vítimas diretas, sem radiodermites e cujo índice de radiação seja inferior a 20 Rads.

2o. GRUPO

- . Profissionais que atuaram no acidente radioativo independente das doses recebidas.

3o. GRUPO

- a) vizinhos dos principais focos de contaminação, que em relação a eles estiveram e estejam instalados num raio de 300m.
- b) pessoas que tenham tido qualquer tipo de envolvimento com o acidente e que não foram incluídas nos grupos anteriores.

As pessoas que solicitam o mencionado serviço de psicologia são triadas para que se verifique a sua situação psicológica. Quanto há indicação, recebem atendimento regular obedecendo a prioridade, exceto se forem verificadas situações de emergência.

2 - O Atendimento

O atendimento psicoterápico oferecido pela atual equipe de 5 psicólogos leva em consideração os seguintes aspectos:

- . solicitação do paciente;
- . disponibilidade do paciente e do profissional;
- . aceitação do atendimento;
- . em se tratando de menor ou pessoa impossibilitada de tomar decisões, ela é encaminhada pelos pais ou responsáveis;
- . estabelecimento de contato entre paciente e psicoterapeuta;

(*) A definição do número de pessoas deste grupo baseia-se em critérios estabelecidos mediante avaliação do nível de comprometimento orgânico e, por isso, este grupo poderá ocasionalmente ter o número de pessoas alterado.

- . psicoterapia individual, focal, em grupo e em grupo familiar e atendimento de apoio, estendido as crianças, adolescentes e adultos;
- . nos casos em que ha indicacao, sao adotados programas de modificacao e/ou aquisicao de comportamento, bem como trabalho psicomotor;
- . os atendimentos ocorrem em sessoes semanais e de acordo com a necessidade;
- . o tempo de duracao do tratamento e indeterminado;
- . as vitimas que morarem em outras cidades e que necessitarem de psicoterapia, deverao ser encaminhadas a um psicologo da sua cidade, com honorarios pagos pela Fundacao (este profissional devera se comprometer em fornecer, confidencialmente, ao Nucleo de Psicologia, relatorios trimestrais sobre o quadro evolutivo do paciente);
- . reunioes semanais com os pacientes do 1o. Grupo e equipe tecnica da Fundacao, objetivando, atraves das colocacoes dos pacientes, tomar conhecimento das dificuldades e queixas destes em relacao a Instituicao e tentar minimiza-las (estas reunioes, no momento, estao suspensas);
- . outras formas de abordagens terapeuticas, de acordo com as necessidades de cada caso.

3 - As Condições Disponíveis para o Atendimento

Anteriormente, o Nucleo de Psicologia dispunha de dois consultorios, bem como de uma sala para reunioes e trabalhos de grupo. Hoje, nao so o espaco fisico encontra-se reduzido como tambem a equipe de psicologos. Ao longo do tempo, muitos pacientes passaram a se sentir donos da instituicao e, por inumeras vezes, alguns deles remexeram armarios e gavetas - onde, possivelmente, estariam documentos confidenciais -talvez tentando com isso resgatar informacoes sobre o seu estado de saude. A esta informacao deve ser associado o fato de a instituicao nao ter ainda conseguido estabelecer limites para a circulacao de pacientes pelas suas dependencias.

Por outro lado, devido a diversidade de interpretacoes que alguns psicologos dedicam a questoes relativas a etica profissional, perdeu-se a oportunidade de ter acesso a determinadas informacoes baseadas nos atendimentos ate hoje realizados por este Nucleo. Isto, de certa forma, tem impedido maior acerto no reconhecimento da profundidade e extensao dos comprometimentos sugeridos por quadros psicologicos atualmente detectados entre os pacientes da Fundacao.

4 - O Perfil Psicologico dos Pacientes Habituais do Nucleo

O Nucleo de Psicologia da Fundacao Leide das Neves Ferreira atende atualmente a 58 pacientes habituais, conforme calendario previamente definido e mediante psicoterapia individual e de grupo; atendimento de emergencia e de apoio, este ultimo, uma vez por mes.

As vitimas diretas viam a si mesmas como vitimas de discriminacao, apresentando, inclusive, medo de serem agredidas pela populacao. Ainda nos primeiros meses de acompanhamento, percebia-se que traziam consigo as marcas do terror da segregacao e do isolamento. Um numero relevante apresenta mudancas na identidade e no papel social. A maioria das vitimas ainda se considera impossibilitada de trabalhar, sendo que entre as criancas e adolescentes verifica-se o conflito nas relacoes deles com seus pais e mesmo nas suas relacoes com pessoas de mesma idade, verificando-se, inclusive, dificuldades na aprendizagem.

Os pacientes do acidente radioativo tem reagido de forma diversificada. Alguns, apesar do sofrimento por que passaram, tem conseguido, satisfatoriamente, elaborar a situacao, alcançando equilibrio emocional, vez que possuem, psicologicamente, bases estruturais capazes de suportarem a realidade.

Para outros, o acidente foi e continua sendo uma experiencia perturbadora, mas tem-se conseguido, junto a estes, o equilibrio emocional necessario. Um terceiro grupo, um tanto menor, apresenta predominancia de estados de angustia, desespero e depressao; ansiedade, irritabilidade, agitacao e agressividade.

4.1 - Adultos

Sao 35 os pacientes adultos atendidos habitualmente pelo mencionado Nucleo (15 do sexo masculino e 20 do feminino). Alem destes contam-se mais seis (cinco do sexo feminino e um do sexo masculino) que so a ele recorrem em situacao de emergencia.

Um numero razoavel de vitimas diretas nao gostam de vir a Fundacao alegando que e humilhante nao so vir ate ela mas depender dela. Este e para elas um processo muito doloroso pois as leva a rememorar o acidente.

A frequencia de adultos a psicoterapia sugere fases ciclicas. observa-se que comparecem de forma alternada e, principalmente, quando estao mais tomados por emocoes (depressao, crises no relacionamento conjugal, descontentamentos com o nivel de atuacao da instituicao). Houve dois momentos - um em 88 e

outro em 89 - em que a maioria, por diversas razoes, abandonou o atendimento, a ele retornando aos poucos.

Os pacientes de maior idade sempre querem mais assistencia e ajuda para a solucao de todas as suas problemáticas particulares. Isto decorre, talvez, pela propria qualidade da assistencia oferecida pela Fundacao nos primeiros meses, as quais coincidiram com os momentos mais emergenciais. No entanto, tais contingencias condicionaram a maioria dos assistidos. Até o momento, tem sido dificil um consenso entre instituicao e pacientes acerca dos direitos e obrigacoes que cabem a ambas as partes.

Segundo algumas daquelas pessoas, o acidente acabou contribuindo para a elevacao do seu status socio-economico. Certamente para elas as cestas basicas, as pensoes e os atendimentos elevaram seu padrao de vida. A maioria dos pacientes ainda nao voltou a trabalhar. Foram realizados programas de reintegracao social com este objetivo; porem, percebe-se que alguns ja optaram por nao produzir.

Em funcao da discriminacao e da auto-discriminacao, a maioria dos pacientes alega solidao e temor pela perda do convívio com entes queridos; porem, sao portadores de mecanismos de isolamento, pois, na realidade, eles mesmos chegam a inviabilizar os contatos. Iniciam-se assim as fases ciclicas de tristeza e depressao.

As dificuldades conjugais sao bastantes relevantes, no que se refere tanto a aspectos sexuais, desajustes na convivencia - acompanhados de agressividades, principalmente verbal, e, em alguns casos, fisica - quanto ao comprometimento do afeto na relacao com os filhos.

As emergenciais entre adultos ocorreram com maior frequencia durante o primeiro ano apos a criacao da Fundacao. Estas emergenciais eram motivadas por problemas diversos tais como: tentativas de suicidio e agressoes fisicas (dirigidas a funcionarios ou verificadas entre os proprios pacientes) ou ainda desajustes familiares. Atualmente, as emergenciais ocorrem em menor numero de vezes.

Sao constantes os quadros de psicossomatizacao. Os pacientes, com frequencia, veem o acidente como causa de qualquer sintoma fisico de que sejam portadores.

Nos ultimos meses, o consumo de bebida alcoolica atingiu um certo grupo de pacientes do sexo masculino, sendo que nos ultimos tempos isso tem aumentado. observa-se que esse consumo esta relacionado com fases de depressao e tem origens variadas (preocupacao com as consequencias organicas do acidente, desjustes conjugais, solidao, discriminacao e outros).

Quanto as perspectivas para o futuro, as vitimas adultas ainda apresentam medo com relacao ao comprometimento organico

provocada pelo acidente radioativo, expressando, principalmente, medo de morte precoce.

Um pequeno numero de pacientes alega ter a sensacao de estar "doente por dentro", expressao a que recorrem, dada a impossibilidade de se ter um prognostico da extensao dos efeitos do acidente sobre a saude de cada um deles.

4.2 - Crianças e Adolescentes

As 17 crianças e adolescentes, atualmente atendidos pelo Nucleo de Psicologia, valem-se da agressividade verbal e fisica na relacao com os pais e demais familiares. Alegam que, depois do acidente, tudo mudou nas suas familias, inclusive o comportamento dos pais para com eles, o que torna a relacao mais conflituosa.

Entre as pessoas deste grupo sao frequentes os medos do escuro, da perda de membros e de que os pais morram, deixando-as sozinhas. Apresentam tambem medo do futuro e de que possam vir a ser portadoras de doencas. Isto aparece constantemente nas sessoes ludoterapicas, quando adotam atitudes homicidas alegando que a vida nao tem valor e que nao so querem, mas que devem ir morrendo aos poucos, pois, segundo elas, o Cesio ira mata-las.

Estas crianças e adolescentes manifestam "vontade de sumir" devido as constantes brigas dos pais, brigas estas muitas vezes provocadas por acusacoes mutuas, alimentadas pela propria ociosidade vivenciada por significativa maioria dos casais.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- GOFFMAN, Erving. Manicomios, Prisoes e Conventos. Sao Paulo, Editora Perspectiva, 19874. (p. 27)
- _____, Estigma: notas sobre a manipulacao da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1982.
- COSTA, Ana Maria Nicolaci da. Sujeito e o Cotidiano: um estudo da dimensao psicologica do social. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1987.
- MINISTERIO DA MARINHA/DIRETORIA DE SAUDE DA MARINHA. Arquivos Brasileiros de Medicina Naval - No. 1. Rio de Janeiro, 1988.
- COMISSAO NACIONAL DE ENERGIA NUCLEIAR. Relatorio sobre o Acidente Radioativo de Goiania. Rio de Janeiro, 1988.
- NUNES, Lenice Cruvinel e PEREIRA, Maria Emilia P., Relatorio das atividade desenvolvidas pela psicologia no Hospital Geral de Goiania e Fundacao Estadual do Bem Estar do Menor, Goiania, 1988 (acervo do Departamento de Psicologia da Fundacao Leide das Neves Ferreira).
- PEREIRA, Maria Emilia P., Relatorio de atividades desenvolvidas pelo Nucleo de Apoio Psicologico da rua 57, Goiania, Janeiro, 1988, (acervo do Departamento de Psicologia da Fundacao Leide das Neves Ferreira).
- PEREIRA, Maria Emilia P., comunicacao pessoal, (fevereiro, 1988).
- ORGANIZACION PANAMERICANA DE LA SALUD, "Asesoria en Salud Mental a raiz del desastre de Armero en Colombia", Boletim de La Oficina Sanitaria Panamericana, Vol. 101, No. 6, Washington, 1986, 678-683.
- OLIVEIRA, Alexandre Rodrigues de, comunicacao pessoal, (maio, 1989), (acervo do Departamento de Psicologia da Fundacao Leide das Neves Ferreira).
- NUNES, Lenice Cruvinel, comunicacao pessoal, (julho, 1989).
- AMANCIO, Marcia C. Faria, comunicacao pessoal, (julho, 1989).
- HELOU, Suzana, comunicacao pessoal, (julho, 1989).